

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



VOL. XIX

1980

N.º 1

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

os seguintes lugares: *Varge* (2), *Vargem* (10), *Vargens* (7), *Várzea* (102, além do da Póvoa de Varzim), *Várzeas* (15), *Varzem* (1), *Varzilha* (21), *Varzilhas* (2), *Varzinha* (1), *Barge* (2) e ainda 15 freguesias com o nome de *Várzea*.

VASCO DA GAMA (AVENIDA DE) — É a larga e espaçosa avenida que liga a estrada Póvoa de Varzim-Viana do Castelo com o Largo do Dr. José Pontes, e que foi aberta de fins de 1968 até Abril de 1969, com traçado ligeiramente curvilíneo.

Começa a ter edifícios residenciais de grande envergadura e elevada cêrcea, alguns com bastante mais de uma dezena de pisos.

A acta de sessão camarária de 10 de Dezembro de 1970 já lhe dá a actual denominação, na seguinte passagem: «*Avenida Vasco da Gama*: — Por proposta do Sr. Presidente, a Câmara deliberou, por unanimidade, pagar a Joaquim Gomes Morim Barão a importância de seis mil escudos como indemnização pelo atolamento de um poço para abertura da *Avenida Vasco da Gama*» (612).

Porém, tal denominação só ficou oficializada, por deliberação tomada em sessão camarária de 24 de Maio de 1971, constando da respectiva acta: «Denominação de Ruas — A Câmara deliberou, por unanimidade, dar o nome de «*Avenida Vasco da Gama*» à artéria paralela à rua «*Quim Tenreiro*» e que liga a E. N. n.º 13 ao topo da «*Rua Casa dos Poveiros do Rio de Janeiro*».

VASQUES CALAFATE (LARGO DO DR.) — Por proposta da Comissão Municipal de Toponímia, aprovada em sessão camarária de 19 de Janeiro de 1966, foi dado o nome de *Largo do*

(612) Vasco da Gama, segundo filho ilegítimo de Estêvão da Gama, nasceu em Sines, em 1468? e faleceu em Cochim, Índia Portuguesa, no dia 24 de Dezembro de 1524. Destinado à carreira eclesiástica, chegou a receber a primeira tonsura, a 5 de Novembro de 1480, em Sines — carreira que abandonou, para se dedicar ao serviço de D. João II, que nele depositava confiança e o nomeou para várias missões. D. Manuel I encarregou-o de descobrir o caminho marítimo para a Índia, arrojado cometimento de que se desempenhou com êxito. Saído de Lisboa em 8 de Julho de 1497, com uma esquadra formada por três naus (S. Gabriel, por si comandada, S. Rafael, comandada por seu irmão Paulo da Gama, e Bérrio, do comando de Nicolau Coelho), contornou a costa ocidental da África, dobrou o Cabo das Tormentas ou da Boa Esperança, em 18 de Novembro do mesmo ano, aportou a Moçambique a 2 de Março de 1498 e chegou finalmente à Índia, de onde regressou em 5 de Outubro de 1498, chegando a Lisboa nos fins de Agosto de 1499, onde foi triunfalmente recebido pelo Rei e pelo povo. Recebeu o título de «Dom» e foi nomeado «Almirante do Mar da Índia». Em 1502 voltou à Índia, onde desempenhou o cargo de Vice-Rei e foi nomeado Conde de Vidigueira. Faleceu em Cochim em 24 de Dezembro de 1524 e o seu corpo foi trasladado para Portugal, ficando sepultado na Vidigueira e, depois, em artístico túmulo, no Mosteiro dos Jerónimos.

Dr. Vasques Calafate «ao largo fronteiro à Capitania, onde está localizado o seu monumento e onde se situa a casa na qual nasceu», homenageando-se, assim, a pessoa de um dos mais ilustres poveiros que pode ser apontado como exemplo do mais puro, acrisolado, indefectível e são bairrismo (613).

(613) O Dr. Caetano Vasques Calafate nasceu na Póvoa de Varzim, às 01.00 horas do dia 12 de Maio de 1890, na casa hoje n.º 7 do largo que actualmente tem o seu nome (na antiga Ribeira). Filho de José Caetano Calafate, negociante de pescado, da Ribeira, e de Maria Joaquina da Conceição, foi baptizado no dia 15 do mesmo mês e ano, tendo como padrinhos Francisco Pinto de Sousa Vasconcelos, estudante, e Nossa Senhora das Dores, em cuja coroa tocou Isolina Maria da Conceição, irmã do neófito, segundo o seu assento de baptismo, lavrado pelo coadjutor Padre António Soares Lopes (registo n.º 193 do ano de 1890) e faleceu em 4 de Dezembro de 1963, com 73 anos, na sua casa da rua do Dr. António Silveira, n.º 44 e o seu corpo esteve exposto, em câmara-ardente, no Salão Nobre da Domus Municipalis, antes do seu fêretro seguir para o Cemitério Municipal.

Era sobrinho-neto de José Caetano Calafate, falecido em 2 de Maio de 1881, também comerciante de pescado e que foi um dos maiores beneméritos da Santa Casa da Misericórdia, à qual deixou um legado de 10 contos de réis, que serviu de base para a fundação do Asilo da mesma Santa Casa.

Vasques Calafate casou em 30 de Janeiro de 1915, com D. Henriqueta Cesarini ou Henriqueta Carmen Felipa, natural de Hervás, província espanhola de Cáceres. Licenciado com o Curso Superior de Letras, de Lisboa, foi nomeado Professor Efectivo do Ensino Liceal em 1914, Professor Ordinário do Instituto Superior de Ciências, do Porto, em 1919, e Estatística em 1927; nomeado Professor Ordinário do Instituto Comercial do Porto, em 1933. Tivemo-lo como professor de Francês, no Liceu Nacional de Eça de Queirós (Póvoa de Varzim), em 1925, no 2.º ano liceal, data da inauguração das instalações provisórias na Fábrica do Gás.

Escritor emérito e distinto, fecundo jornalista e fluente orador, deixou uma vasta obra escrita e dispersa por numerosos jornais (diários de Lisboa e do Porto e semanários locais) e revistas, salientando-se, em muitos dos seus escritos, o mais acrisolado bairrismo. Foi o pugador número um pela construção do Porto de Pesca da Póvoa de Varzim, paixão que o dominou durante dezenas de anos e desde a sua juventude até à morte. Foi também o amigo número um dos nossos pescadores e a alma-mater da Casa dos Pescadores Poveiros, benemérita instituição que sonhou e depois construiu e à qual deu vida activa, graças à sua pertinácia, persistente tenacidade e férrea vontade de levar ao fim tão arrojado empreendimento, o que conseguiu com pleno êxito.

Esta Casa dos Pescadores foi inaugurada solenemente às 14.00 horas do dia 19 de Agosto de 1928, começando por ter internados «12 asilados da colónia marítima», conforme reza o convite para a solenidade, assinado por António Pedreira, Presidente da Associação Marítima.

Além das suas conferências, discursos e múltiplos e dispersos artigos, devemos salientar os seguintes trabalhos: *Moral e Religião; Acção Social do Carácter; A propósito de Eça de Queirós — O Belo e a Verdade; Um herói poveiro — O Cego do Maio; A Festa do Trabalho no Coliseu do Porto; Breves Considerações sobre a Política Financeira de Salazar (Conferências); Optimistas e Pessimistas (ensaios e crónicas); Importância dos Pequenos Portos no Mercado Nacional de Pescarias (tese apresentada ao II Congresso Nacional de Pesca, em 1947); Palestras da Semana Colonial; Internacionalização Econó-*

O local deste largo pertencia à antiga Ribeira e, depois, à imprecisa, por mal definida e delimitada, Avenida de Braga.

Aqui se localiza a Capitania do Porto, construção decidida e projectada em 1917, em cujo rés-do-chão se guardaram, durante dezenas de anos, os dois salva-vidas da Póvoa, a remos — Cego

mica (Esquema da política económica internacional, no período que decorre entre o século XVII e a segunda Grande Guerra); Elementos de História Geral e Económica; O Porto de Pesca da Póvoa de Varzim — Necessidade e justificação da sua construção (tese apresentada no IV Congresso Nacional de Pesca, edição da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1955, opúsculo de 35 páginas); Vocação Colonizadora dos Portugueses (1961); Verbo, Vigor e Acção, antologia póstuma compilada por seu filho Tenente-Coronel Luís Calafate, volume de 494 páginas (Porto, 1967).

O último artigo escrito pelo Dr. Vasques Calafate, foi publicado no semanário local «O Comércio da Póvoa de Varzim» de 7 de Dezembro de 1963 — o mesmo número que noticiava a sua morte — e intitulava-se *Dr. Josué Trocado*; nele salientava e enaltecia os relevantíssimos serviços prestados à Póvoa pelo Dr. Josué, não só como fundador e director do Orfeão Poveiro, mas também, e sobretudo, como dinamizador e valioso impulsionador de todos os grandes anseios da nossa terra, junto dos poderes públicos, particularmente durante a sua longa permanência em Lisboa.

Por ocasião do falecimento do Dr. Vasques Calafate, escreveu-se no jornal «O Comércio da Póvoa de Varzim» de 7 de Dezembro de 1963; «...Está ainda bem patente na memória dos mais velhos a campanha que encetou e levou a cabo nestas colunas para a construção da Casa dos Pescadores Poveiros — a primeira de Portugal, que serviu de molde para outras que depois se edificaram.

«Esse sonho — pois a princípio não passava de sonho — foi convertido em realidade palpável...

«É que dizer dessa outra formidável campanha de maior projecção que sustentou na imprensa diária de Lisboa e do Porto, para a construção do nosso porto?

«Depois de uma luta porfiada e de se valer de argumentos — e tantos tinha a seu favor — para mostrar a justiça que cabia à Póvoa e aos seus destemidos pescadores, conseguiu finalmente, que o Governo por intermédio do Ministério das Obras Públicas, estudasse o assunto em profundidade e pusesse, depois, a obra a concurso.

«Infelizmente o dr. Vasques Calafate, morreu sem ver este sonho realizado — o maior sonho de toda a sua vida» (artigo não assinado, mas que supomos ser da autoria de Manuel Agonia Frasco).

No semanário «Ala Arriba», da mesma data, pode ler-se:

«..... Dos seus lábios saía sempre a palavra oportuna, a encorajar-nos numa luta que é afinal a de todos os poveiros de boa vontade!

«Por isso sentimos profundamente este seu desaparecimento.

«É mais um vulto ilustre que perdemos, na esteira duns quantos que à Póvoa e ao seu futuro consagraram o melhor das suas vidas e do seu generoso esforço. E é, infelizmente, uma muito deprimente verdade constatar que homens destes já não despontam nas gerações mais novas. Vasques Calafate foi um dos grandes da Póvoa. E estamos seguros de que esta terra haverá de

do Maio e Sérgio, que eram conduzidos em carretas, sobre carris, ao longo do areal e até uma pequena rampa de lançamento, já próximo da linha das marés.

Em frente da Capitania do Porto, foi inaugurado, na manhã do dia 19 de Setembro de 1965, o monumento ao Dr. Vasques Calafate, com estátua de corpo inteiro, de bronze, da autoria do Arquitecto Rui Calafate, filho mais novo do homenageado.

Na frente da base de pedra, está a legenda: «A / VASQUES CALAFATE / OS PESCADORES AGRADECIDOS». Na face lateral direita da mesma base, lê-se: «DESDE CRIANÇA QUE FANTASMAS DE NAUFRAGOS ANDAM / BOIANDO NA MINHA ALMA, ALAGADA PELA MARÉ CHEIA / DE MUITAS LÁGRIMAS DE VIUEZ E ORFANDADE QUE ESTE / MAR DA PÓVOA TEM FEITO A MINHA VOLTA» (614).

A fachada do prédio n.º 6, revestida a azulejos azuis e brancos, tem a seguinte inscrição e data: A.C.C.M. 1884.

Foi na casa n.º 7, com fachada já modificada, que nasceu, em 12 de Maio de 1890, o Dr. Caetano Vasques Calafate.

* **VELHA (ESTRADA)** — Foi o nome popular que teve a antiga rua dos Ferreiros (que também se denominou rua Central e rua de Miguel Bombarda) e assim seria chamada por volta de 1861 a 1873, em virtude de ter sido por aqui, até então, a comunicação para o Sul, com Vila do Conde e Porto.

sentir, no decurso de muitos anos ainda, a falta deste grande homem, honesto e bom, que nada quis para si, e antes tudo queimou na fogueira ardente dos seus ideais puros e alevantandos! R. V. » (Rodgério Viana).

O mesmo jornal no seu número de 17 de Julho de 1965, tem um artigo de Silva Ribeiro, intitulado *Um Homem — Um exemplo — Dr. Vasques Calafate*, chamando-lhe um «Poveiro Ímpar».

Aquando da inauguração do seu monumento (19 de Setembro de 1965), o «Ala Arriba» de 18 do mesmo mês e ano, publicou excertos de uma sua autêntica antologia, com trechos de *O Crente e o idealista, o Humanista e Filósofo, o Crítico literário, o Prosador e literato, o Jornalista e poveiro infatigável, o realizador e o filantropo, o Economista, o Orador de raça*.

Num seu *In Memoriam*, escrito pelo Dr. Luís Rainha, no mesmo jornal e na mesma data, realça-se «o infatigável batalhador, o idealista, o poveiro de antes quebrar que torcer, o intelectual honesto» e presta-se homenagem «ao humanista, ao filósofo e pedagogo, ao jornalista e homem de letras, ao crítico literário, ao economista e ao poveiro íntegro», com «inteligência multiforme».

«O Comércio da Póvoa de Varzim» de 18 e de 25 de Setembro de 1965 rememora a personalidade do Dr. Vasques Calafate, em artigos de Manuel Agonia Frasco, Reival (Virginia Gonçalves Ribeiro), Prof. L. Alves Monteiro, Branca Cruz, Padre João Marques, Alípio Oliveira, João da Várzea (M. Agonia Frasco) e Luís Calafate.

(614) Excerto de um dos seus discursos.